

500 anos: MST une-se aos índios para transformar festa em protesto

Cerca de 3 mil sem-terra e 1.500 índios devem fazer manifestação contra a miséria hoje em Porto Seguro (BA). Especialistas temem que ocorram conflitos na área dos festejos do descobrimento

Um grupo de 3 mil integrantes do Movimento dos Sem-Terra está marchando em direção à histórica cidade de Porto Seguro, no litoral sul da Bahia. Eles devem chegar ao centro da cidade hoje à tarde, para a realização de um ato de protesto contra a fome e a miséria no País. Cerca de 1.500 índios, originários de diversas partes do País, também deverão participar da manifestação.

Eles se encontram na região para participar de uma conferência indígena e, após um debate realizado ontem pela manhã, decidiram apoiar a manifestação do MST. Os dois grupos estudam agora a possibilidade de se unirem para outro ato de protesto no dia 22, data do descobrimento do Brasil pelos navegantes portugueses. Ele seria realizado em Cabralia, cidade localizada a 22 de quilômetros de Porto Seguro, que deverá ser o centro dos festejos oficiais do descobrimento.

Em todo o País

Outras manifestações de sem-terra deverão ocorrer hoje em todo o País, para marcar uma das principais passagens do calendário do movimento, o Dia do Protesto contra a Violência no Campo na América Latina. Eles escolheram essa data porque foi no dia 17 de abril de 96 que ocorreu o massacre de Eldorado de Carajás, quando 19 agricultores sem-terra foram mortos pela polícia. Mas, de todas as manifestações previstas, a de Porto Seguro é a que mais chama a atenção por causa da tensão criada em torno de sua realização.

O governo da Bahia dificultou a chegada dos sem-terra a Porto Seguro. Vários ônibus que os transportavam foram detidos em barreiras oficiais. Alguns grupos chegaram a ficar dois dias parados à beira da estrada. Só foram liberados depois de uma negociação entre os representantes do movimento e do governo, durante a qual os sem-terra disseram que deixariam a cidade após o ato oficial de hoje. É

pouco provável, porém, que isso aconteça. O representante do grupo que realiza a marcha, Ademir Bogo, disse ontem ao JT: "Ainda não decidimos qual será nosso próximo passo, mas não vamos abdicar do nosso direito de ir e vir."

Os sem-terra que participam da marcha são todos da Bahia. Saíram de diversas partes do Estado e vieram de ônibus até Eunápolis, que fica a 62 quilômetros de Porto Seguro. Ali desceram e começaram a marchar, no sábado à noite.

Beira da estrada

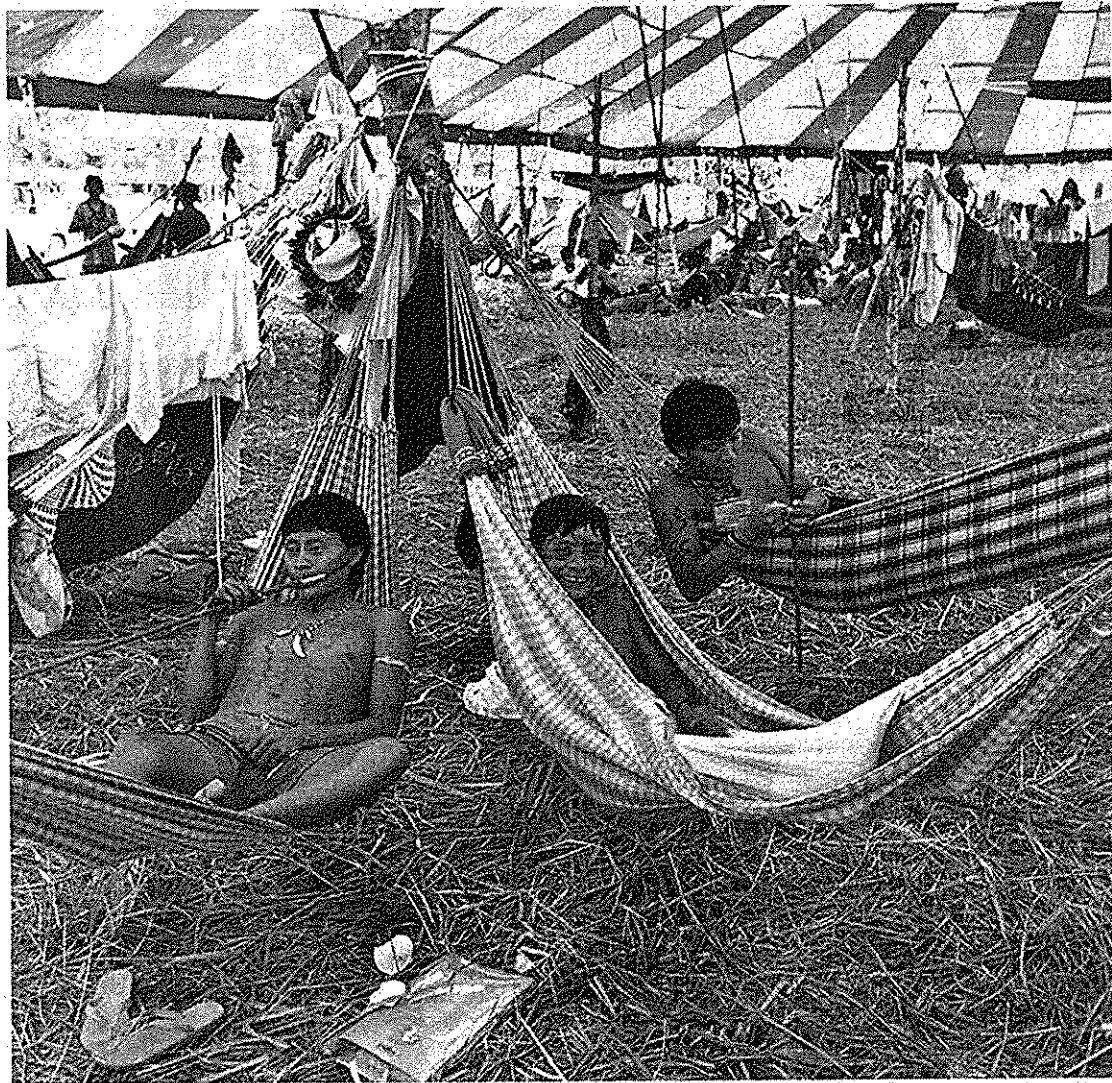
No início contavam apenas com seus próprios bateadores, um caminhão de som à frente e uma velha camioneta, cheia de luzes, no final, para evitar atropelamentos. Dormiram à beira da estrada e domingo, quando voltaram a marchar, já contavam com meia dúzia de carros da Polícia Militar e da Polícia Rodoviária Federal para protegê-los.

Ontem à noite voltaram a acampar, a uma distância de 14 quilômetros de Porto Seguro e a menos de 500 metros de uma barreira policial com quase 60 homens, alguns deles armados com fuzis. O ato de protesto será realizado no centro da cidade e deverá contar com a participação de políticos, especialmente do Partido dos Trabalhadores.

Os procuradores que trabalham na área de defesa dos direitos indígenas e de minorias étnicas estão temendo a ocorrência de conflitos na área dos festejos do descobrimento. Eles solicitaram medidas especiais à Procuradoria-Geral da República, que designou três procuradores para irem à região, trabalhando em regime de plantão. Dois deles, Márcio Torres, de Ilhéus, na Bahia, e Paulo Fortes, do Recife, Pernambuco, já estão instalados em Coroa Vermelha, onde foi realizada a primeira missa no Brasil e que hoje é habitado por índios pataxós. Ontem, os dois procuradores visitaram a reserva que fica naquela área, encontraram-se com um representante do governo da Bahia, o secretário do Planejamento, e também conversaram com os organizadores da Conferência dos Povos Indígenas, que começa amanhã e termina na sexta-feira. Hoje eles deverão se encontrar com o presidente da Funai, Carlos Frederico Marés.

Roldão Arruda/AE

Agliberto Lima/AE



ACAMPADOS: caravanas de índios começam a chegar a Porto Seguro. Eles preparam festa de protesto

Cimi é acusado de manipular indígenas

Conferência dos Povos Indígenas começa amanhã em Coroa Vermelha. Algumas lideranças querem que índios sejam mais independentes

Cerca de 1500 índios estão acampados ao pé do Monte Pascoal, o primeiro trecho da terra brasileira a ser avistado por Cabral há 500 anos. Eles começaram a chegar no sábado e deverão permanecer ali até terça-feira, quando rumarão para Coroa Vermelha, a sede da Conferên-

cia dos Povos Indígenas.

Os principais grupos remanescentes da população que vivia no Brasil antes da chegada de Cabral estão representados no acampamento. A ausência mais comentada é a dos caiapós, que vivem ao norte do País e normalmente não participam de encontros desse tipo.

O acampamento fica na área de uma antiga fazenda, ocupada no final do mês passado pelos índios da região, os pataxós, e situada na divisa com o Parque Nacional do Monte Pascoal, já ocupado pela tribo.

No acampamento, os índios

discutem a pauta da conferência e a forma como irão protestar no dia 21 de abril. O índio Mariano, representante dos xavantes, do Mato Grosso, disse ontem que algumas etnias ainda não compreenderam a importância da união de todos. Ele acusa alguns grupos de obter favores do governo em troca de uma posição mais moderada nas manifestações.

Para alguns representantes, as organizações indígenas precisam tornar-se mais independentes em relação aos grupos que as apoiam, como o Conselho Indigenista Missionário (Cimi), vinculado à Igreja católica, que há mais de três décadas se destaca como a principal instituição de apoio à causa indígena. O Cimi é acusado de manipular os índios e insuflá-los contra as comemorações do descobrimento.

Demarcação de terras, o principal problema

Cerca de 500 índios de Pernambuco, Paraíba, Ceará, Alagoas, Sergipe e norte da Bahia abriram ontem, em Salvador, o Seminário de Preparação à Conferência Indígena que começa amanhã, em Porto Seguro. Eles se reuniram na quadra do Sindicato dos Bancários e depois dos debates, lançaram a Campanha pela Demarcação das Terras Pataxó Hã Hã Hãe do sul da Bahia.

Junto com representantes de sindicatos e outras entidades

populares de Salvador, os índios colheram assinaturas para o abaixo-assinado a ser enviado ao Supremo Tribunal Federal (STF) pedindo o julgamento imediato da Ação Ordinária de Nulidade de Títulos e reintegração de posse da terra para os Hã Hã Hães. O processo está em tramitação no STF há 18 anos e agora entrou em fase de julgamento à espera do parecer do relator ministro Nelson Jobim. Os índios reivindicam uma faixa de 54.100 hectares entre os

municípios de Pau Brasil, Itaju de Colônia e Camacã, demarcadas pelo governo federal em 1926. Apesar dessa demarcação, apenas 2.200 hectares estão em poder dos pataxós, o restante foi ocupado por 360 fazendeiros.

Por causa da disputa, já ocorreram várias mortes na região. Há dois anos, os índios iniciaram um processo de invasão das fazendas, a partir do assassinato de Galdino de Jesus, morto queimado por adolescentes em Brasília. Dez propriedades foram ocupadas, mas nove acabaram retomadas pelos fazendeiros. Por essa razão, as lideranças indígenas acreditam que somente com a decisão do STF, terão seus direitos garantidos.



MARCHA: cerca de 3 mil sem-terra preparam passeata contra a miséria